

## Português no Índico: evidências de nativização do português moçambicano<sup>1</sup>

Augusto SOARES DA SILVA  
Universidade Católica Portuguesa – CEFH  
[assilva@ucp.pt](mailto:assilva@ucp.pt)

Alice MEVIS  
Universidade Católica Portuguesa – CEFH  
[alice.mevis@gmail.com](mailto:alice.mevis@gmail.com)

### Resumo

No contexto do crescente pluricentrismo do português, analisamos a nativização das variedades africanas, no enquadramento do “modelo dinâmico” elaborado por Schneider (2007) para as variedades nacionais do inglês, com incidência no português moçambicano (PM). São descritos os principais dados sociolinguísticos do PM, como a percentagem de falantes do português como L1/L2 e das línguas bantu locais, a projeção social do português em Moçambique e os fenómenos de diglossia e de “language shift” das línguas bantu para o português. Analisamos, em seguida, alguns dos principais indicadores linguísticos de *nativização* do PM: fonológicos, como a reestruturação silábica; sintáticos, como clíticos, marcação diferencial do objeto, transitivação, duplos objetos, emergência de novas construções, como a passiva dativa; e lexicais, como empréstimos e neologismos. Finalmente, discutimos as questões de contacto e grau de influência das línguas bantu, estádios de estabilização do PM, reestruturações da gramática do português europeu e (re)interpretação *dinâmica* e *sociocognitiva* da nativização do PM.

*Palavras-chave: português moçambicano, nativização, contacto de línguas, línguas bantu, pluricentrismo*

### Abstract

In the context of the growing pluricentricity of Portuguese, we analyze the nativization of African varieties of Portuguese within the Dynamic Model framework developed by Schneider (2007) for national varieties of English, with a particular focus on Mozambican Portuguese (MP). We start by providing key MP

---

<sup>1</sup> O presente estudo foi apoiado por fundos nacionais portugueses atribuídos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) ao Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) através do programa de financiamento UIDB/00683/2020. Alice Mevis beneficiou ainda da bolsa de doutoramento UI/BD/150881/2021, atribuída pela FCT.

sociolinguistic data, such as the percentage of speakers of Portuguese (as either L1 or L2) and of the local Bantu languages, the social projection of Portuguese in Mozambique, the diglossic distribution and gradual language shift from Bantu languages towards Portuguese. Second, we analyze some of the main linguistic indicators of the *nativization* of MP: at the phonological level, with syllabic restructuring; at the syntactic level, with clitics, differential object marking, transitivization, double objects, and the emergence of new constructions such as the Recipient passive; and at the lexical level, with loanwords and neologisms. Finally, we discuss issues of language contact and degrees of influence from Bantu languages, stages in the stabilization of MP, and the restructuring of the European Portuguese grammar, leading to a *dynamic and sociocognitive* (re)interpretation of the nativization of MP.

*Keywords: Mozambican Portuguese, nativization, language contact, Bantu languages, pluricentricity*

## 1. Pluricentrismo crescente do português

O português é uma língua *pluricêntrica*, no sentido mais restrito e prototípico, institucionalizado por Clyne (1992), de possuir diferentes normas nacionais, apresentando duas variedades nacionais bem estabelecidas – o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) – e variedades africanas em desenvolvimento, como, entre outras, o português moçambicano (PM) e o português angolano (PA). Considerando as normas cultas do PE e do PB, o português é uma das poucas línguas que se aproxima da rara condição de *pluricentrismo simétrico*. Isso deve-se ao balanceamento entre a supremacia temporal do PE e a supremacia espacial do PB, à elevada codificação dos dois padrões nacionais e ao crescente reconhecimento da importância internacional do bilinguismo PE-PB em termos sociopolíticos, económicos e culturais. Há, no entanto, assimetrias, sendo a mais relevante a grande exposição de que o PB goza em Portugal e noutros países lusófonos, em oposição à exposição mínima ou mesmo nula do PE no Brasil. A norma do PE é seguida nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), em Timor-Leste e noutros territórios asiáticos.<sup>2</sup>

Três fatores principais estão na base do pluricentrismo crescente do português. Um é a divergência acentuada e contínua entre PE e PB, confirmada em termos sociocognitivos e letométricos no âmbito do projeto CONDIV – CONvergência e DIVergência entre variedades nacionais do português (e.g. Soares da Silva 2010, 2014, 2016, 2024). Na perspetiva da sociolinguística cognitiva (e.g. Kristiansen & Dirven 2008, Geeraerts et al.

---

<sup>2</sup> Uma caracterização do pluricentrismo da língua portuguesa pode encontrar-se em Soares da Silva (2016, 2018, 2020, 2021, 2022).

2010, Soares da Silva 2014, Kristiansen et al. 2021) e trabalhando, não com uma coleção pré-selecionada de dados, mas com *perfis onomasiológicos* de conceitos (lexicais e gramaticais) e com a letometria baseada em perfis (Geeraerts et al. 2023) para agregar um vasto conjunto de diferentes variáveis e quantificar con/divergência e estratificação interna, analisamos, com base num extenso *corpus* de jornais e revistas dos anos 50, 70 e 2000 e de chats e blogues, variáveis lexicais de futebol e vestuário, variáveis construcionais de alternâncias preposicionais, infinitivas, ordem de palavras, presença/ausência do clítico em construções de *se* e relativa canónica/cortadora, e variáveis atitudinais. Os resultados obtidos confirmam a *divergência* entre PE e PB ao longo dos últimos 70 anos, o bicentrismo *simétrico* PE-PB, patente na ausência de qualquer orientação significativa de uma variedade em relação à outra, e ainda mais mudanças e maior distância estratificacional no PB do que no PE.

Um segundo fator é a emergência das variedades africanas do português, especialmente a nativização do PM, do PA e de outras variedades africanas, de que nos ocuparemos neste estudo principalmente em relação ao PM. Finalmente, o terceiro fator é prospetivo e baseia-se nas projeções demográficas e demolinguísticas para os países lusófonos até ao final do século XXI, que apontam para um aumento muito acentuado da população e de falantes do português nos PALOP, sobretudo em Angola e Moçambique. De acordo com os dados de projeção da população mundial (*World Populations Prospects – WPP*) das Nações Unidas, na sua versão mais recente (a Revisão de 2019 de WPP), a população dos países africanos de língua portuguesa quase duplicará até ao final do século, aumentando de 289,442 milhões em 2019 para 514,512 milhões em 2100, com um fortíssimo aumento sobretudo em Angola, de 31,825 milhões para 188,283 milhões, e em Moçambique, de 30,366 milhões para 123,647 milhões. Ao mesmo tempo, a população do Brasil diminuirá de 211,050 para 180,683 milhões e a de Portugal de 10,226 para apenas 6,985 milhões. Angola e Moçambique juntos representarão então 60,6% da população dos países de língua portuguesa, enquanto a percentagem do Brasil cairá para 35,1%. Considerando o aumento de falantes de português como L2 ou L1 nos PALOP nas últimas três décadas, bem como a urbanização e a escolarização crescentes da população e o aumento rápido do acesso aos meios de comunicação de massa, como os telemóveis e a internet, nos PALOP, é expectável que praticamente toda a população moçambicana e angolana fale português nos próximos 40 ou 50 anos, quer como L2 quer, já numa percentagem elevada, como L1. O número de falantes de português no mundo provavelmente duplicará até 2100, passando dos atuais 260 milhões para 515 milhões.

Todos estes dados poderão conduzir (salvo circunstâncias/razões adversas) a uma mudança gradual no processo de standardização: de uma standardização hegemonicamente bicêntrica (PE-PB) para uma standardização mais pluricêntrica, com quatro principais normas nacionais – PB, PM, PA e, embora minúsculo mas ainda com prestígio, PE –; o surgimento de novos centros de standardização, para além de Lisboa e São Paulo-Rio de Janeiro; e a desejada gestão já não bi- mas multilateral das normas nacionais (Oliveira 2016; Soares da Silva 2018, 2022).

Tendo como pano de fundo este contexto de crescente pluricentrismo da língua portuguesa, analisaremos neste estudo evidências de nativização do PM. Na secção 2, caracterizaremos o processo de *nativização* das variedades africanas do português, no enquadramento teórico do “modelo dinâmico” proposto por Schneider (2007) para as variedades nacionais do inglês, com foco no PM. Seguidamente, na secção 3, são descritos os principais dados sociolinguísticos do PM, especialmente a percentagem de falantes do português como L1 e L2 e das línguas bantu locais e a projeção social do português em Moçambique (Firmino 2024, Gonçalves 2010), bem como os fenómenos de diglossia e de “language shift” das línguas bantu para o português (Chimbutane & Gonçalves 2023). Com base na literatura disponível e em observações e levantamentos efetuados no âmbito de um trabalho de campo realizado em Moçambique durante três meses pelo segundo autor do presente estudo, registamos na secção 4 alguns dos principais indicadores de nativização do PM, sejam fonológicos, sejam morfossintáticos e sintáticos, sejam ainda lexicais. Discutiremos, na secção 5 e na secção final de conclusões, a inevitável influência bantu no PM e os seus graus de inter/transferência, os estádios de estabilização do PM, as reestruturações da gramática do português europeu, e proporemos elementos *dinâmicos* e *sociocognitivos* para a (re)interpretação da nativização do PM.

## **2. Nativização das variedades africanas, com foco no PM**

As variedades africanas do português, especialmente o PM e o PA, emergiram nas últimas duas décadas do século XX e foram inicialmente adquiridas como L2, num contexto marcado pelo contacto linguístico e conseqüente bi/multilinguismo e pela exposição inexistente ou mínima ao padrão do PE (Gonçalves 2013, Hagemeijer 2016). Efetivamente, a independência e a descolonização das antigas colónias portuguesas, especialmente a fuga dos colonos portugueses, levaram a um grande afastamento em relação ao português padrão falado e, ao mesmo tempo, facilitaram o desenvolvimento

de certas características distintivas das variedades africanas do português, divergentes do PE. Admite-se que grande parte das inovações desenvolvidas pelas variedades africanas do português, nomeadamente de Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, quando comparadas com a norma do PE, resulta da interferência das línguas bantu (Gonçalves 2010, 2013; Inverno 2011, 2018; Mingas 2000; Firmino 2021, 2024; Gerards & Meisnitzer 2024; Hagemeyer 2024).

O PM e o PA vivem hoje uma tensão entre um processo endógeno e contínuo de *nativização* ou *indigenização* linguística e a pressão exógena e normativa do PE. Por um lado, a norma do PE é amplamente desconhecida para a maioria dos falantes, incluindo os próprios professores (Chimbutane 2018, Inverno 2018). A grande maioria dos professores em Moçambique e em Angola fala variedades nativizadas dos seus respetivos países e recebeu a sua formação e profissionalização em instituições locais. Além disso, as escolas moçambicanas, angolanas e de outros países africanos de língua portuguesa funcionam como um agente de cristalização das características locais do português, sendo pois parte importante do processo de nativização das variedades africanas. Por outro lado, o PM e o PA, bem como as outras variedades africanas do português, estão (e continuarão a estar) sujeitas à influência contínua do PE, sendo expectável que essa influência se intensifique no contexto das relações e dos intercâmbios pós-coloniais e com o desenvolvimento da educação em Moçambique, Angola e noutros PALOP (Baxter 2018: 308).

Aplicando o influente e bem sucedido Modelo Dinâmico elaborado por Schneider (2007) para a descrição da evolução dos vários e diversos *inglês* pós-coloniais no mundo e, assim, para a compreensão do multifacetado processo de desenvolvimento das variedades nacionais do inglês, podemos dizer que as variedades africanas do português, especialmente o português de Moçambique, de Angola e de São Tomé e Príncipe, se situam atualmente, em termos gerais e no seu conjunto, no estágio de *nativização*, provavelmente mais avançado em Moçambique e aí já com alguns sinais do estágio seguinte de *estabilização endonormativa*.

Schneider (2007) identifica cinco estádios sucessivos no estabelecimento gradual das novas variedades do inglês: (1) fundação, (2) estabilização exonormativa, (3) nativização, (4) estabilização endonormativa e (5) diferenciação. O primeiro estágio é o da implantação do inglês (ou outra língua colonial) num novo ambiente cultural e sociolinguístico (comunidades de emigração, postos comerciais e/ou fortalezas militares), acompanhado de contacto linguístico e de bilinguismo marginal por parte de um pequeno

conjunto da população nativa. O segundo estágio caracteriza-se pela difusão do inglês nos sistemas educativo, administrativo e jurídico e pelo aumento de mudanças na língua colonial. O terceiro estágio, o de *nativização*, é a fase crucial da transformação cultural e linguística, da mais profunda reestruturação linguística e da emergência de uma variedade linguística partilhada, caracterizada por um conjunto extenso e diversificado de traços e formas linguísticos locais (Schneider 2007: 44–48). O estágio seguinte, o da *estabilização endonormativa*, ocorre geralmente após a independência da antiga colônia e envolve processos, geralmente sequenciais, de aceitação e adoção das expressões locais como corretas e adequadas, de estabilização da nova variedade percebida e avaliada como homogênea, de codificação da nova variedade, especialmente através de dicionários e, menos frequentemente, de gramáticas, e ainda de afirmação simbolicamente expressa na adoção, por parte dos escritores literários, das novas formas de expressão lexicais ou gramaticais (Schneider 2007: 51-52). É este quarto estágio o pré-requisito e a componente essencial de uma nova norma nacional ou regional, ou *epicentro*. O estágio final de *diferenciação* é o da autossuficiência tanto política quanto cultural e linguística, abrindo espaço para a diferenciação económica, social e pessoal, e corresponde, por um lado, ao processo de consolidação, como consequência do sucesso de uma identidade nacional recém-estabelecida, e, por outro lado, a um novo processo de inovação, quando a identidade nacional está garantida e emergem identidades locais, sejam dialetos ou socioletos (Schneider 2007: 53–4). Naturalmente que uma variedade específica do inglês, do português ou de outra língua pode conformar-se, em maior ou menor grau, a este cenário dinâmico prototípico de cinco estádios.

A Tabela 1 aplica o Modelo Dinâmico de Schneider (2007) ao desenvolvimento do PM, especialmente ao seu processo gradual de nativização.

Schneider (2007)	PM
(1) fundação	início do séc. XX: os “assimilados” e a obrigação de falar PE
(2) estabilização exonormativa	independência de Moçambique (1975): a oficialização do PE
(3) nativização	pós-independência e hoje: primeira geração de falantes do PE como L1 e desvios estruturais do PE – mudanças fonológicas, morfossintáticas e sintáticas, empréstimos lexicais
(4) estabilização endonormativa	hoje: primeiros indicadores – e.g. <i>Dicionário do Português de Moçambique</i>
(5) diferenciação	

Tabela 1. Modelo dinâmico de nativização do PM

Depois da presença inicial dos portugueses nas costas do Índico, principalmente em Moçambique, e nas outras antigas colónias, desde o séc. XV, e do início da colonização efetiva de África nos finais do séc. XIX, no período que se segue ao acordo alcançado pelas potências coloniais na Conferência de Berlim (1884-1885), incluindo naturalmente também a colonização portuguesa de Moçambique (com mais afinco depois do derrube da monarquia portuguesa em 1910 e, posteriormente, com a instalação do Estado Novo, em 1933), a fase *fundacional* de implantação do português (PE) na colónia moçambicana ocorre no início do século XX. Isso deve-se sobretudo à necessidade de contratação de população nativa, dada a escassez de colonos portugueses brancos, para trabalhar na então importante cidade portuária de Loureço Marques (capital da colónia, renomeada, depois da independência, como Maputo), e ao conseqüente treinamento dessa população nativa acompanhado pelo uso do português. É o período dos chamados *assimilados* – um grupo de afro-europeus e africanos, aos quais foi concedida a cidadania portuguesa (ao contrário da maior parte dos africanos, considerados nativos ou *indígenas*) com a condição de falarem português, sobretudo em ambientes institucionais e na interação com os colonos portugueses, embora mantendo o uso das suas línguas locais (Firmino 2024: 812-813).

O estágio da *estabilização exonormativa* da língua portuguesa no território moçambicano corresponde ao período da independência de Moçambique, conseguida pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) em 25 de junho de 1975, altura em que o português (PE), falado sobretudo nos centros urbanos por um grupo minoritário e elitista de moçambicanos como L2 e aprendido na escola, foi instituído como língua oficial e símbolo principal de unidade nacional, passando a ser a principal língua usada em contextos públicos, na instrução em todas as escolas, nos media, pelas elites políticas, sociais e culturais, ou mesmo a única língua permitida nas instituições do Estado. A oficialização, a instrumentalização como estratégia eficiente de coesão territorial e social interna e de unidade nacional e o prestígio social do PE em Moçambique (Firmino 2024: 814) conduziram, no período pós-independência até aos dias de hoje, a um aumento significativo de falantes do português (de que se dará conta na secção seguinte), à difusão do seu uso diário e informal nos centros urbanos – já não confinado apenas ao mero papel de instrumento político e administrativo –, à sua aprendizagem e ao seu uso em todas as escolas principalmente como L2 e, nas áreas rurais, como língua estrangeira, à primeira geração de falantes do português como L1 e ainda ao uso quase exclusivo do português nos meios de comunicação social. Tudo isto está na base da *nativização* do PM, a qual se consubstancia linguisticamente numa série de desvios estruturais do PE e na emergência,

difusão, aceitação e convencionalização (mesmo, embora em parte e/ou em contextos menos formais, pelas autoridades públicas, pelos professores e pelos escritores) de um conjunto de mudanças fonológicas, morfossintáticas, sintáticas e lexicais, que serão elencadas na secção seguinte. Embora o PE seja ainda hoje dominante na administração pública, na vida política, nas escolas e nos media e seja visto pelas elites sociais como o modo perfeito e correto (“mais puro”) de falar o português (Firmino 2024: 821), pode dizer-se que, passados cerca de 50 anos da independência de Moçambique, a variedade do PM se encontra atualmente numa etapa avançada do processo de nativização – o qual não implica a rejeição do padrão do PE, mas a sua reavaliação e reestruturação (Firmino 2024: 821) – e já com um pé na fase seguinte do modelo dinâmico de Schneider. De entre os indicadores linguísticos, ainda incipientes, de *estabilização endonormativa* do PM ao nível da sua standardização e, mais especificamente, de processos de codificação do PM, destaca-se o projeto lexicográfico em curso de elaboração do *Dicionário do Português de Moçambique* (DiPoMo), coordenado por Inês Machungo e que inclui a construção do *Corpus do Português de Moçambique*, os quais servirão de base para a criação de recursos didáticos e computacionais adequados a Moçambique.

### 3. Panorama sociolinguístico de Moçambique

A sociedade moçambicana é, ainda hoje, acentuadamente multilingue e multicultural (Ngunga 2012: 2, Langa & Chaúque 2024: 260). Em Moçambique, a língua portuguesa coexiste com aproximadamente 20 línguas africanas de origem bantu e um número equivalente de dialetos ou variantes destas línguas, representadas na Tabela 2.<sup>3</sup> A enciclopédia online *Ethnologue*, que cataloga mais de 7.000 línguas vivas do mundo, lista para Moçambique 43 línguas, das quais 41 são línguas bantu. Há, todavia, grandes desigualdades neste multilinguismo moçambicano, desde logo uma relação *diglóssica* entre o português, língua de prestígio e de mobilidade socioeconómica, eleita pelo poder político como língua de unificação nacional nas primeiras horas da independência, e todas as línguas bantu, geralmente confinadas a ambientes familiares e zonas rurais e associadas aos valores regionais e tribais de identidade, cultura e tradição (Firmino 2021: 170, Chimbutane & Gonçalves 2023: 272).

---

<sup>3</sup> Informação disponibilizada pelo Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas da Universidade Eduardo Mondlane (NELIMO).

Língua	Falantes L1 (5 anos ou mais)	Província
Macua (P31)	26,1 % – 5,813,083	Cabo Delgado, Nampula, Niassa
Changana (S53)	8,6 % – 1,919,217	Gaza, Inhambane, Maputo, cidade Maputo
Nyanja (N31a)	8,1 % – 1,790,831	Niassa, Tete
Lomwe (P32)	7,1 % – 1,574,237	Niassa, Zambézia
Sena (N44)	7,1 % – 1,578,164	Manica, Sofala, Tete, Zambézia
Chuabo (P34)	4,7 % – 1,050,696	Zambézia
Ndau (S15)	3,8 % – 836,038	Manica, Sofala
Tswa (S51)	3,8 % – 836,644	Inhambane
Outras línguas africanas	11,8 % – 2,633,088	Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Manica, Maputo, cidade Maputo, Niassa, Sofala, Tete
Total	81,1 % – 18,031,998	

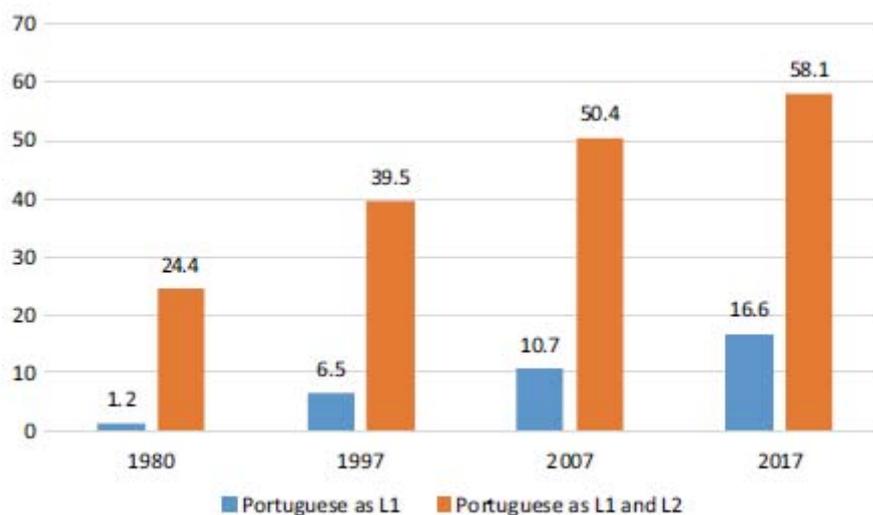
Tabela 2. Principais línguas africanas locais (adaptado de Firmino 2024: 811)

Estas desigualdades sociais, culturais e políticas entre as línguas faladas em Moçambique estão refletidas na evolução dos dados sociolinguísticos recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE). Os censos realizados entre 1980 e 2017 apontam para um avanço significativo do português desde a independência de Moçambique em 1975, acompanhado de uma redução do número de falantes de uma língua bantu como língua materna. De acordo com os dados mais recentes, recolhidos em 2017, 47,4% dos moçambicanos declaram falar o português fluentemente, sendo esta percentagem maior em contexto urbano (83,1%) do que em contexto rural (45,3%) (Firmino 2024: 810, Chimbutane et al. 2023: 30).

O número de falantes do português como L2 e L1 em Moçambique tem crescido de forma constante desde a independência. Enquanto, no primeiro censo efetuado cinco anos depois da independência, um quarto da população afirmava ter algum conhecimento do português (24,4% em 1980), 37 anos depois este número quase duplicou (47,4% em 2017), como também duplicou a população total de Moçambique (de 11 milhões em 1980 para 22 milhões em 2017). A população moçambicana hoje é estimada em cerca de 30 milhões e, como vimos na secção inicial, as projeções demográficas apontam para um aumento populacional continuado e muito forte até finais do século. O censo de 2017 mostra um aumento considerável do número de moçambicanos que tem o português como língua materna (de 1,2% em 1980 para 16,6% em 2017, como expresso na Figura 1), o que indicia o surgimento das primeiras gerações de falantes nativos monolíngues de português em Moçambique. Esta mudança dá-se sobretudo nas cidades e entre as gerações

mais novas, com destaque particular para a capital (cidade de Maputo), onde esta percentagem chega a 62,5%. É esperado que estes falantes adquiram a variante nativizada do português, isto é, o PM.

Figura 1. Distribuição dos falantes de português L1 e L2 entre 1980 e 2017 (Chimbutane & Gonçalves 2023: 274)

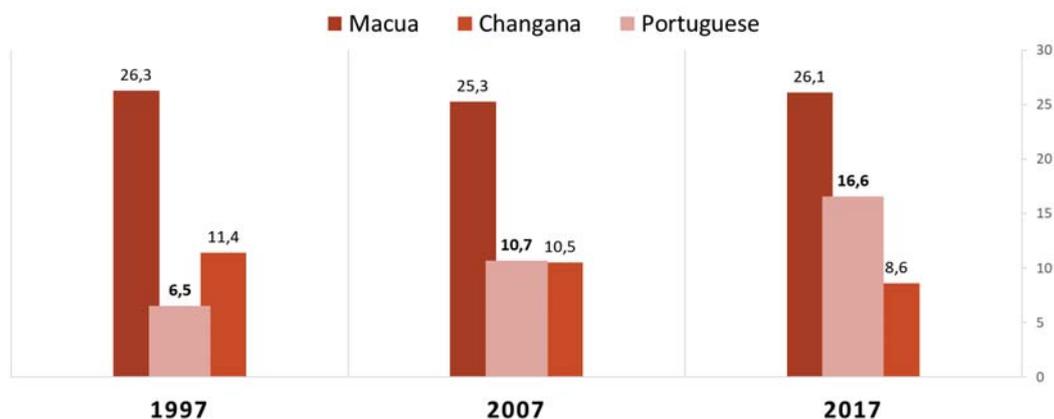


Por outro lado, tem-se registado uma tendência decrescente no uso e na transmissão das línguas africanas. Entre 1980 e 2017, a percentagem de falantes de língua bantu como língua materna passou de 98,8% (ou seja, quase a população inteira) para 81,1%. De acordo com algumas projeções, a este ritmo, a população com língua materna bantu poderá cair para 75,5% em 2027 (Chimbutane et al. 2023: 11). Apesar deste recuo, as línguas bantu continuam a ser as línguas maternas da maior parte da população moçambicana (cerca de 80%), sendo o português, para este segmento da população, adquirido como L2 a partir dos 5 ou 6 anos, isto é, quando a criança ingressa no sistema escolar.

O censo de 2017 mostra que a língua macua (ou Emakhuwa), no norte de Moçambique, se mantém como a língua materna com a maior percentagem de falantes em Moçambique (26,1%), como indicado na Figura 2. O português, por sua vez, afirma-se já como a segunda língua materna principal (16,6%). Embora em terceiro lugar (8,6%), a língua changana (ou Xichangana) destaca-se por ser a principal língua de contacto com o português dentro da capital. Considerando que os grandes centros urbanos e, em particular, as capitais são o ponto focal para as inovações linguísticas que subsequentemente se espalham pelo resto do território nacional, pode inferir-se que o

changana teve (e ainda está a ter) um papel de relevo na formação e na nativização do PM.

Figura 2. As três línguas de Moçambique com maior número de falantes como língua materna (INE)



De um modo geral, a tendência crescente de falantes do português como língua materna tem-se revelado inversamente proporcional à tendência decrescente da proporção de falantes de línguas bantu como línguas maternas. Com efeito, a perda de falantes das diversas línguas bantu, seja como língua materna seja como língua mais falada em casa, tem beneficiado o crescimento dos falantes de português, sobretudo no sul de Moçambique, nas áreas urbanas e entre a população mais jovem (Chimbutane et al. 2023: 78-79). Estes dados são indicadores de um processo de mudança de língua (*language shift*), das línguas bantu para a língua portuguesa, particularmente evidente na cidade e província de Maputo.<sup>4</sup> Este processo de *language shift* é naturalmente motivado pela situação de diglossia, já referida acima, vigente em Moçambique, e é particularmente estimulado, como mostram Chimbutane & Gonçalves (2023), pela política de língua familiar que leva os pais da classe média, pressionados por forças sociodemográficas e político-ideológicas, a investir na transmissão do português aos seus filhos em detrimento das línguas bantu.

Chimbutane et al. (2023: 18) apontam uma correlação entre o uso do português ou das línguas bantu e o estatuto socioeconómico dos recenseados. Os dados revelam que “cerca de 50% dos recenseados de estatuto socioeconómico mais privilegiado têm o português como língua materna, contra apenas 3,9% de recenseados de estatuto

<sup>4</sup> Cerca de metade (49,5%) da população da província de Maputo e cerca de dois terços (62,5%) da população da cidade de Maputo têm o português como língua materna (Chimbutane et al. 2023: 78-79). O Xichangana, por sua vez, é língua materna de 36,6% da população na província de Maputo e de 24,5% na cidade de Maputo (Chimbutane et al. 2023: 25-26).

socioeconómico mais desfavorecido”, ou seja, “quanto maior for o estatuto socioeconómico do recenseado, maior é a probabilidade de ter o português como língua materna”. Isto explica a distribuição dos falantes de português em zonas urbanas vs. rurais, já que é nas áreas urbanas “onde se concentram as famílias socioeconomicamente favorecidas, aquelas que tendem a optar pela transmissão da língua portuguesa e não das línguas bantu às novas gerações” (Chimbutane et al. 2023: 18).

Se, por um lado, a situação de diglossia, motivada por uma ideologia monoglótica herdada do período colonial (Chimbutane & Gonçalves 2023: 272), continua a atribuir ao português um estatuto superior, o que leva a uma certa *elitização* do português, por outro lado, esta mesma ideologia, que adotou a língua portuguesa como símbolo de unidade nacional, suscita grande adesão por parte da população em geral. Os moçambicanos abraçaram o português como meio de comunicação interétnica e aproveitaram as possibilidades oferecidas por esta língua, imprimindo-lhe gradualmente novas funções, usos e características estruturais. A massificação do ensino e o acesso cada vez mais fácil às redes sociais agiram como fatores disseminadores da língua portuguesa por todo o país (Firmino 2021: 171-172). Embora ainda dependente do estatuto socioeconómico do falante, a língua portuguesa está a *democratizar-se* em Moçambique. É usada por um número crescente de falantes e já se transmite como língua materna, e já não necessariamente em conjunto com uma língua bantu. Traços estruturais e usos tipicamente moçambicanos testemunham o desenvolvimento autónomo do PM, divergindo do PE. Na secção seguinte, vamos identificar alguns indicadores da nativização do PM.

#### **4. Indicadores de nativização do PM**

##### **4.1. Fonologia**

A primeira manifestação do processo de nativização dá-se geralmente a nível fonológico, resultando no desenvolvimento de um sotaque característico, ou melhor, de uma pluralidade de sotaques caracterizados pela interferência de algumas particularidades do sistema fonético de cada uma das línguas bantu moçambicanas no português.<sup>5</sup> Uma primeira tendência, potencialmente comum a todas as línguas bantu moçambicanas, é a propensão para a reestruturação silábica (Langa & Chauque 2024: 273, 284). Com exceção da sílaba nasal, nas línguas bantu a sílaba é aberta e obedece à estrutura (C)V-

---

<sup>5</sup> Ver o trabalho recente de Langa & Chauque (2024: 255-295) para uma descrição detalhada da emergência de uma variante nativizada do PM com base nas línguas do sul de Moçambique.

CV. É natural que os falantes do PM recorram a várias estratégias para produzir sílabas abertas, mesmo nos casos em que são fechadas em português, por exemplo inserindo vogais epentéticas, como em *acreditar* [akeriditari]. Uma segunda tendência, igualmente resultante da interferência do sistema fonológico das línguas bantu, é a pré-nasalização das consoantes (Langa & Chaúque 2024: 271). Enquanto no português são as vogais que são nasalizadas, nas línguas bantu são tipicamente as consoantes que são pré-nasalizadas. Esta propriedade reflete-se por vezes na nasalização da vogal inicial de algumas palavras, como *enxigir* [ẽziʒir] ou *enconomia* [ẽkonomiɐ̃]), e também na vogal medial, como *convinte* [kõvi<sup>n</sup>te]. Apesar de ser uma característica tipológica comum às línguas bantu, este fenómeno é uma das características mais marcantes do português falado por nativos de changana, com mais frequência no sul de Moçambique (Ngunga 2012: 10, Langa & Chaúque 2024: 271).

Uma terceira propriedade, característica da (e restrita à) região norte, onde se fala a língua macua, é o ensurdecimento das oclusivas sonoras, como em *dedo* [tetu] ou *engraçado*, pronunciado *encaraçado* [e<sup>n</sup>karɛsadu]). Sabendo que em português o traço ‘voz’ das consoantes é contrastivo, os falantes nativos de macua produzem ambas as versões (sonora e surda) das consoantes, mas geralmente errando a sua distribuição, o que os leva a trocar o /z/ pelo /ʒ/, o /d/ pelo /t/ ou o /b/ pelo /p/ (e vice-versa), como em *bortuguês* ‘português’ e *prasileiro* ‘brasileiro’. Outro caso de metátese encontra-se na língua ndau, para a qual as consoantes líquidas [l] e [r] são variações alofónicas do mesmo fonema, ao contrário do que ocorre português, o que pode levar a produções como *plobrema* ‘problema’. Finalmente, outras línguas do norte de Moçambique, como as línguas yao e maconde, não possuem o som [r], donde a desvibração do som líquido, passando a vibrante [r] a ser pronunciada como lateral [l], como em *Maliya* ‘Maria’.

Como Langa & Chaúque (2024: 285-287) fazem notar, estas mudanças fonológicas configuram, já não uma mera interferência, mas uma reestruturação autónoma do sistema vocálico e consonântico do português (PE) com base nas línguas do substrato. Todavia, nem todas as características das línguas bantu se encontram nesta variedade do português – por exemplo, o PM é apenas acentual, ao passo que as línguas bantu têm acento e tom (Langa & Chaúque 2024: 284). Os autores argumentam em favor de uma variedade *nativizada*, mostrando como o PM tende a cristalizar-se num sistema fonológico consolidado, partilhado por uma comunidade de falantes, e a desenvolver estruturas novas, que não são próprias nem do PE nem das línguas bantu.

#### 4.2. Morfossintaxe: clíticos & marcação diferencial de objeto

Para além do sistema fonológico, já se encontram outros tipos de mudança no PM que envolvem uma reestruturação profunda e estável em algumas áreas gramaticais. Trata-se de produções inovadoras, divergindo tanto do PE quanto do PB, que já parecem caracterizar a variedade moçambicana na sua totalidade, para além das suas inevitáveis variações dialetais. Essas novas características do PM podem ser chamadas de *emergentes* na medida em que, embora carreguem a marca de ambas, não são redutíveis nem ao PE nem às línguas bantu de contacto.

Uma primeira mudança gramatical deu-se no domínio dos clíticos, justamente uma das áreas mais sensíveis à variação e à mudança. Desviando-se do PE (e também do PB), observa-se no PM uma tendência para o uso do clítico dativo *lhe* em contextos acusativos, como em (1).<sup>6</sup> Esta mudança verifica-se quase exclusivamente com objetos diretos animados, como em (1) e (2).<sup>7</sup>

(1) *Eu vi-lhe ontem* (Firmino 2024: 819)

(2) *Não sei onde vou lhes buscar; não lhes deixem sair daqui; tenho que lhe compreender; não consigo lhe perceber; vocês lhe esquecem* (OL)

Esta mudança na área dos clíticos parece estar relacionada com outra tendência do PM: o uso generalizado da preposição *a*, encabeçando objetos diretos animados em contextos em que esta preposição não é exigida no PE, como nos exemplos (3)-(7).

(3) *informar aos moçambicanos sobre* (OL)

(4) *apoiar aos colegas* (OL)

(5) *convidei ao meu colega* (OL)

(6) *felicito aos dois oradores* (OL)

(7) *escolher a vida protege aos que te amam* (OL)

---

<sup>6</sup> A maior parte dos exemplos provém da observação do segundo autor em contexto de trabalho de campo realizado em Moçambique durante três meses – vão assinalados como OL (observação no local). Outros exemplos provém da literatura ou outras fontes, sendo mencionada a respetiva fonte. Outros ainda são construídos a título ilustrativo, sendo apresentados sem qualquer referência.

<sup>7</sup> Esta mesma tendência também se regista no português angolano, embora o seu funcionamento pareça ser diferente (Gonçalves et al. 2024: 65).

Todavia, esta segunda mudança não se dá com a mesma frequência da primeira. Nos dados do *Corpus PALMA* (português oral de Maputo), Gonçalves et al. (2024: 59) registam apenas 2,2% de ocorrências de sintagmas nominais e 25,2% de pronomes tónicos com função de objeto direto introduzidos pela preposição *a*, contra 43,4% de ocorrências do clítico *lhe* nos mesmos contextos. Embora estas duas mudanças pareçam estar relacionadas, não se trata de um paralelismo estrutural perfeito. Parece, antes, estarmos perante um caso de *Differential Object Marking* (marcação diferencial de objeto): ambas as variantes são mantidas, mas passam a assumir funções distintas ou introduzem algum contraste semântico, donde a emergência de uma alternância gramatical. Para confirmar a hipótese de marcação diferencial de objeto, será, porém, necessário identificar com maior precisão o contributo semântico da variante preposicionada e os contextos em que ocorre com mais frequência. Por outro lado, o clítico *lhe* com função de objeto direto é a inovação mais estável e consolidada, independentemente da escolarização (Gonçalves et al. 2024: 64).

Estas duas inovações parecem ser sintomáticas de uma mudança mais profunda induzida por contacto de línguas. É possível que tais alterações gramaticais encontrem a sua origem numa característica tipológica das línguas bantu, que são línguas de objeto primário. Nestas línguas, ambos os objetos – direto e indireto – têm um estatuto equivalente, sendo fatores semântico-pragmáticos que determinam qual deles ganha características de objeto primário. Já em línguas que obedecem à distinção entre objeto direto e objeto indireto, o objeto indireto tende a funcionar como adjunto ou como argumento periférico, tornando-se assim mais marcado semanticamente e restringido a um conjunto menos diversificado de contextos sintáticos. Esta hipótese de *shift* tipológico do PM permitirá também dar conta de outras mudanças, particularmente de regência verbal e emergência de novas construções, como veremos a seguir.

### **4.3. Sintaxe e regência verbal**

Outra área de grande instabilidade e propensa à mudança diz respeito às propriedades de seleção categorial dos verbos. Os trabalhos de Perpétua Gonçalves são pioneiros nesse domínio. Tendo encontrado vários casos em que a estrutura argumental dos verbos do PM diverge da do PE, Gonçalves (2010: 49) formula a hipótese da *transitivização* dos verbos do PM, isto é, da tendência para a construção com objeto direto. O exemplo mais claro e emblemático é a transitivização do verbo intransitivo *nascer*, como em (8) e, já com uma extensão semântica metonímica para o significado de ‘educar’, em (9).

(8) *Tu também podes nascer um filho saudável* (Timbane 2017: 30)

(9) *Teu pai nasceu mulheres competentes.* (OL)

Outros casos de transitivação envolvem a perda das preposições regidas pelo respetivo verbo, como nos exemplos (10)-(13). Enquanto os dois primeiros ocorrem com bastante frequência no registo oral dos moçambicanos, os dois últimos são mais esporádicos. Esta assimetria justifica um estudo sistemático sobre a produtividade da transitivação de verbos com complemento preposicional no PM.

(10) *subir chapa; subir avião* (em vez de *subir a/para*) (OL)

(11) *você saiu sem me despedir?* (em vez de *se despedir de*) (OL)

(12) *tem que investir os jovens* (em vez de *investir em*) (OL)

(13) *na cidade, você acostuma coisas caras* (em vez de *se acostumar a*) (OL)

Gonçalves (2010) considera que uma consequência sintática da transitivação dos verbos no PM é a formação de novas estruturas passivas, agramaticais ou de aceitação duvidosa na norma do PE, como em, respetivamente, (14) e (15). Outra é a emergência da construção de duplo objeto (CDO), resultante da suposta perda da preposição *a* regendo objeto indireto, como em (16).

(14) *O Raul foi nascido em Pemba.* (Justino 2012)

(15) *A menina foi engravidada pelo jovem.* (OL)

(16) *Entregou o emissário a carta.* (Gonçalves 2010: 52)

Há, no entanto, dados linguísticos que parecem contradizer a hipótese de transitivação e o paralelismo estrutural que a mesma implica. Em primeiro lugar, dados de *corpora*, tanto orais (*Corpus PALMA*) quanto escritos (*Corpus do Português* (Davies 2016)), apontam para a manutenção da preposição *a* (ao invés do que ocorreu no PB), inclusive nos contextos em que encabeça o objeto indireto. Segundo, vimos na secção anterior que o PM apresenta casos de marcação diferencial de objeto que contradizem a direção da mudança para graus mais elevados de transitividade. Terceiro, a ocorrência de CDO prototípicas, com ambos os objetos expressos em sintagmas nominais, é muito rara,

pelo que a hipótese de que o PM favorece a expressão do objeto indireto sem preposição perde evidência empírica.

Em contrapartida, os dados linguísticos observados apontam para a emergência de duas estruturas mais estáveis. Por um lado, a CDO ocorre com mais facilidade com verbos diretivos em construção completiva introduzida pela preposição/complementador *para*, como em (17)-(18). Por outro lado, a CDO é mais frequente com objeto direto nulo, como em (19)-(20) (ver também Gonçalves et al. 2022: 10-11).

(17) *Vou pedir os oradores da primeira parte para começar.* (OL)

(18) *Exigir os funcionários para se candidatarem à reforma antecipada.* (OL)

(19) *Estou a mostrar o afilhado.* (OL)

(20) *Tem alguma coisa que entregar o professor.* (OL)

De entre as construções passivas inovadoras, há uma que se destaca pela sua frequência, tendo chamado a atenção dos linguistas desde os primeiros trabalhos sobre o PM (Carvalho 1985, 1987; Gonçalves 1996). Trata-se da estrutura passiva em que o objeto indireto (recipiente/beneficiário) assume o papel de sujeito, sendo por isso chamada *passiva dativa*. Ngunga (2012: 16) aponta esta construção como “outro exemplo de interferência sintáctica das línguas moçambicanas na língua portuguesa”, contrastando a variante inovadora do PM *Eu fui dado um livro* com a variante padrão *Foi-me dado um livro*. Num estudo recente (Mevis & Soares da Silva 2023), procuramos mostrar que já não se trata de uma mera interferência, mas antes de uma *construcionalização* (Traugott & Trousdale 2013), no sentido de que o PM está a desenvolver uma nova construção passiva – a passiva de recipiente, como em (21) – ao lado da passiva padrão – a passiva de tema, como em (22). Deixamos para a secção seguinte uma muito breve análise desta nova construção passiva.

(21) *Uma estudante tinha sido oferecida uma bolsa de estudo para estudar nos Estados Unidos.* (OL)

(22) *Essa bolsa foi oferecida ao melhor aluno.*

#### **4.4. Emergência de novas construções**

A passiva dativa (ou passiva de recipiente) é um exemplo emblemático da formação de novas construções gramaticais no PM. Pudemos comprovar, com base num amplo

estudo de *corpus*, que a passiva dativa se tem estabelecido como construção estável e sistemática do PM, com a sua própria coerência semântica interna, prototipicamente estruturada à volta do traço semântico de ‘transferência’ (Mevis & Soares da Silva 2023). Além disso, a sua distribuição, em alternância com a passiva de tema, é motivada principalmente por fatores pragmáticos e semânticos: o objeto indireto (recipiente) precisa de ser conceptualizado como tópico discursivo para poder preencher a posição de sujeito da passiva (Mevis, submetido). Quer isto dizer que a passiva de recipiente é uma construção de tópico, motivada e condicionada pelo contexto discursivo. Importa observar que a construção passiva dativa participa da tendência do PM, provavelmente induzida pelo contacto com as línguas bantu, de conceptualizar participantes humanos e afetados como objetos sintáticos plenos (argumentos internos) e não como adjuntos.

Entre as outras construções emergentes do PM, podemos referir brevemente as seguintes: (1) o uso da preposição *com* para introduzir o agente da passiva, como em (23), ou para veicular a noção de separação, como em (24); (2) o uso generalizado de *haver de* para a expressão do futuro (25); (3) alterações em construções aspetuais, envolvendo o apagamento da preposição, como em (26), ou a sua substituição, como em (27); e (4) o uso “nu” do advérbio *ainda* (em vez de *ainda não*) para fazer referência a uma situação que ainda não foi realizada, como em (28).

(23) *Fui ralhado com a minha mãe. Fui abusado com miúdos.* (DRVPM)

(24) *Foi na altura que eu separei com os meus pais.* (Hagemeijer 2016: 53)

(25) *Hei de lhe perguntar.* (OL)

(26) *Está aprender de forma correcta os hábitos e costumes da nossa sociedade.* (OL)

(27) *Chegou de falar com ela?* (OL)

(28) *Já falou com o seu chefe? – Ainda.* (OL)

Outra construção bem estabelecida no PM é a relativa resuntiva, exemplificada em (29)-(31): o relativizador *que* é seguido de um pronome que serve de retoma anafórica do antecedente. Alguns trabalhos têm mostrado que o PM parece privilegiar a estratégia resuntiva em relativas de objeto direto (29), de oblíquo (30) e de genitivo (31). Hagemeijer (2016: 56-57) esclarece que a estratégia de resunção é típica de algumas línguas bantu da zona oriental, como o zulu ou o changana: o antecedente da relativa é, nestas línguas, frequentemente retomado sob a forma de um prefixo de concordância de objeto, afixado ao verbo.

(29) *Há passagens do texto que podemos vê-las.* (Hagemeijer 2016: 55)

(30) *Havia rapazes que nós não brincávamos com eles.* (Hagemeijer 2016: 55)

(31) *Os meios de transporte que vi os nomes deles.* (Hagemeijer 2016: 55)

#### 4.5. Léxico: empréstimos e neologismos

Para encerrar a visão geral dos indicadores de nativização do PM, não poderíamos deixar de lado as inovações linguísticas de ordem lexical – domínio geralmente mais permeável ao contacto e à mudança linguísticos. Também na área do léxico é necessário distinguir entre as criações pontuais e relativamente efémeras e as inovações duradouras que passam a caracterizar a variedade na sua totalidade (Sengo 2010). É possível identificar duas fontes de inovações lexicais externas ao português, de que resulta uma quantidade considerável de empréstimos lexicais no PM: as línguas bantu, como exemplificado em (32), e o inglês sul-africano, em (33). Enquanto a influência das primeiras é óbvia e expectável, o impacto do segundo revela frequentes trocas migratórias entre os dois países e grande influência económica. Este duplo jogo de influências está bem sintetizado na expressão famosíssima em Moçambique *maningue nice* ‘muito fixe’.

(32) empréstimos das línguas bantu: *khanimambo* ‘obrigado’, *maningue* ‘muito’, *mahala* ‘gratuito’

(33) empréstimos do inglês: *txilar* ‘celebrar’, *djobar* ‘trabalhar’, *txunar* ‘melhorar’

As inovações lexicais no PM não se restringem, porém, ao contacto linguístico. A permeabilidade natural à influência externa é, até certo ponto, balanceada pelas criações lexicais internas, tipicamente da categoria de neologia semântica, como exemplificado nos neologismos listados em (34). A análise de alguns destes neologismos semânticos – especificamente a reconstrução da origem da inovação, bem como do caminho de evolução semântica – é tarefa difícil e desafiante. Por exemplo, *matabicho* e *matabichar* (ou *mata-bicho*, *mata-bichar*) no sentido de ‘pequeno-almoço’ e ‘tomar o pequeno-almoço’ são registados como angolanismos (cf. *Dicionário de Angolanismos*, de Óscar Ribas), mas são também usados no mesmo sentido tanto em Moçambique como em São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau. Mais ainda, foram muito usados sobretudo em zonas rurais de Portugal, e são ainda assim reconhecidos, no sentido de ‘bebida alcoólica tomada de manhã e em jejum’, não sendo difícil admitir também no PE o seu uso por extensão

metonímica, se não tipicamente de ‘pequeno-almoço’, pelo menos de qualquer comida ou bebida ingerida de manhã e em jejum.

(34)neologismos: *animar* ‘saber bem, estar bom’, *cabrito* ‘pessoa corrupta’, *cabritar* ‘subornar’, *calamidades* ‘roupa em segunda mão e outros artigos recebidos como donativos para apoiar vítimas de calamidades naturais’, *campainhar* ‘tocar à campainha’, *desconseguir* ‘não conseguir’, *matabicho* ‘pequeno-almoço’, *matabichar* ‘tomar o pequeno-almoço’, *quiosque* ‘barracas onde se vende tudo e qualquer coisa’.

Ainda no domínio lexical dos neologismos e dos empréstimos, merece referência o *Observatório de Neologismos de Moçambique*, coordenado por Inês Machungo e disponibilizado pela Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira da Universidade Eduardo Mondlane.<sup>8</sup>

## 5. Línguas em contacto: a incontornável influência bantu

As línguas nativas de Moçambique, chamadas “línguas nacionais” na Constituição da República de Moçambique e comumente referidas como “línguas maternas”, são todas de origem bantu e partilham um conjunto de características tipológicas que estão a deixar, de forma dinâmica, algumas marcas no PM, em todos os níveis do sistema linguístico desta variedade nacional do português. É pois expectável que a grande maioria das inovações linguísticas do PM que se encontram num processo avançado de nativização tenha a sua origem num intenso contacto com as línguas bantu de Moçambique. Com efeito, o contacto linguístico ainda faz parte da realidade quotidiana do falante moçambicano, que vive num país multilingue onde a maioria das crianças aprende uma língua bantu antes de começar a aprender o português na escola, aos 6 anos. Sendo inevitável a influência bantu no PM, importa, porém, compreender a dinâmica deste processo, abandonando, desde já, a ideia de uma influência *mecânica*, na forma de uma simples transferência de alguns elementos estruturais de uma língua para outra.

O contacto de línguas é um processo eminentemente *dinâmico*, envolvendo, muitas vezes, mudanças conceptuais, culturais e pragmáticas, cristalizadas em novas formas e

---

<sup>8</sup> Ver também os trabalhos de Timbane (2013) e de Nhatuve (2022), a dissertação de Sengo (2010) e o glossário de *Moçambicanismos* de Vítor Lindegaard (<https://mocambicanismos.blogspot.com/2009/02/b.html>).

usos linguísticos (Palacios 2011, 2017). Quer isto dizer que cada transferência oriunda de contacto linguístico passa por um processo de acomodação ao sistema linguístico da língua-alvo, incorporando novos usos e significados nas estruturas linguísticas já existentes. Além disso, existem *graus* no processo de transferência de traços linguísticos, num contínuo que vai de mudanças mais diretas a outras mais indiretas. A este propósito, Ngunga (2012: 1) estabelece uma distinção entre *empréstimo*,<sup>9</sup> quando a transferência de um traço linguístico se dá de forma estável e generalizável, e *interferência*, quando a transferência é esporádica e a nível (quase) individual. Importa, no entanto, compreender que estas categorias são dinâmicas e, mais especificamente, que a variação e a mudança induzidas por contacto constituem pontos difusos dentro de um contínuo dinâmico (Palacios 2011: 22).

A título ilustrativo do PM, podemos assinalar como resultado da interferência direta das línguas maternas na produção de alguns falantes (com pouca proficiência em português) as inconsistências na concordância de número e género. Com efeito, as línguas bantu seguem uma estratégia diferente da do português para marcar o número e o género<sup>10</sup> das palavras: estas categorias gramaticais são marcadas nas línguas bantu no início das palavras por meio de um prefixo, que varia segundo a classe morfológica à qual pertence a palavra, o que pode causar dificuldades de aprendizagem e processamento. No outro lado do contínuo, encontram-se mudanças quase totalmente gramaticalizadas e nativizadas, que já ocorrem naturalmente nas produções de falantes monolíngues do PM, como parece ser o caso da transitivação de *nascer* (Justino 2012), das passivas dativas (Mevis & Soares da Silva 2023), ou do sistema fonológico emergente do PM (Langa & Chaúque 2024).

Como foi referido na secção anterior, as passivas dativas do PM passaram por um processo de adaptação ao sistema gramatical do português. Este processo incluiu uma seleção mais restrita do que em bantu dos verbos que participam na nova construção, bem como a definição de um contexto semântico específico – um processo de transferência

---

<sup>9</sup> O empréstimo pode ser tanto lexical quanto gramatical. Tem havido discussão na literatura sobre a possibilidade de transferência gramatical entre línguas tipologicamente afastadas. Palacios (2011) mostra que o empréstimo estrutural ou gramatical se dá com profusão entre o espanhol e as várias línguas indígenas com que tem estado em contacto na América Latina. O intenso e recíproco contacto entre o português e as diferentes línguas bantu em África pode proporcionar mais evidências empíricas a favor do empréstimo gramatical.

<sup>10</sup> Nas línguas bantu, o género gramatical é uma categoria muito gramaticalizada. Além disso, não se trata de uma oposição binária com alguma ligação com o sexo, como é o caso em português, mas existem tantos géneros gramaticais quantas as diferentes classes semântico-morfológicas (em média 10).

cujo recipiente é discursivamente saliente e totalmente afetado. Tudo aponta para um processo de *reestruturação* interna de uma propriedade bantu dentro do sistema do PM. Já em casos como a transitivação do verbo *nascer*, em linha com as línguas bantu de Moçambique, cujo verbo correspondente é transitivo direto, estamos perante uma mudança induzida por contacto mais *direta*.

Um outro exemplo de grau direto de transferência, que envolve também aspetos culturais e pragmáticos, é o das estratégias de polidez. É comum, no sul de Moçambique e também na capital Maputo, usar-se a expressão *estou a pedir* para fazer algum pedido (de comida ou bebida, por exemplo), sem recorrer à expressão *por favor*. Isto acontece porque não existe nenhum equivalente para traduzir *por favor* nas línguas bantu do sul do país. Trata-se, assim, de uma tradução literal de línguas como o changana e o xitshwa, para as quais a fórmula *estou a pedir* é a estratégia de cortesia mais comum para fazer pedidos. Este exemplo aponta para a necessidade de se tomar em conta outros aspetos, para além dos estritamente linguísticos, para analisar e entender os resultados da dinâmica do contacto linguístico.

Existem evidências de que as três mudanças acima referidas (passiva dativa, *nascer* transitivo e expressão *estou a pedir*) já se encontram na fala de moçambicanos que têm o português como língua materna. Já as inconsistências em termos de género e número são tipicamente de falantes com pouca educação, que falam o português como língua segunda, sendo assim sociolinguisticamente marcadas e não uma característica intrínseca do novo sistema do PM.

Variedades marcadas pelo contacto de línguas são, muitas vezes, atitudinalmente avaliadas em termos negativos: traços que se desviam da norma padrão (neste caso, do PE) são estigmatizados por serem considerados como resultantes de uma aquisição imperfeita ou incorreta da língua. Mas quando o contacto de línguas se dá num período de tempo mais longo, o processo de contacto torna-se mais complexo, já que vai aumentando o número de falantes bilingues, que são os verdadeiros vetores de mudança, e emerge uma geração de novos monolinguês cujas gramáticas internas já são marcadas pelas mudanças ocorridas. Esta situação resulta num contínuo sociolinguístico dinâmico em que cada categoria de falantes (monolinguês, bilingues consecutivos e bilingues simétricos) desempenha um papel fundamental. Tanto o dinamismo inerente a situações de contacto como os primeiros indicadores de nativização do PM mostram a necessidade de se abandonar noções como ‘desvio’, ‘erro’ ou ‘divergência normativa’, geralmente atribuídas a uma aprendizagem deficiente do português, para se adotar uma abordagem

centrada na *criatividade* do falante (Palacios 2011: 22), que explora as potencialidades de ambas as línguas que domina, mas baseando-se nos recursos estruturais da língua-alvo, para expressar matizes e significados que a variedade padrão não tem ou talvez não consiga expressar tão bem.

## 6. Conclusões

Elencamos neste estudo um conjunto representativo de indicadores, principalmente linguísticos e alguns também sociais, de *nativização* do PM, que permitem justificar a emergência e uma certa estabilização de uma variedade linguística nacional do português distinta e partilhada por muitos moçambicanos como L2 e alguns como L1, caracterizável em termos de uma série de traços, formas e construções fonológicos, semânticos, lexicais, gramaticais e pragmáticos locais. De entre esses indicadores linguísticos, que puderam ser diretamente observados em trabalho de campo, destacam-se (1) na fonologia, a reestruturação silábica, a pré-nasalização das consoantes e o ensurdecimento das oclusivas sonoras; (2) no léxico, empréstimos das línguas bantu e do inglês sul-africano, neologismos lexicais e semânticos e processos de extensão semântica metafóricos e, mais frequentemente, metonímicos; e (3) na gramática o uso do clítico *lhe* para marcar objeto direto, a transitivação de alguns verbos intransitivos ou preposicionais e as novas construções passiva dativa, relativa resuntiva, de duplo objeto (mas com verbos diretivos em construção completiva ou com objeto direto nulo) e mudanças em construções preposicionais, passivas, aspetuais e temporais. Este inventário de indicadores linguísticos de nativização do PM, necessariamente incompleto dentro dos limites do presente estudo, acompanha, por vezes com algumas divergências descritivas e interpretativas, os valiosos estudos linguísticos existentes sobre o PM (e.g. Gonçalves 1996, 2010, 2013; Chimbutane 2018; Firmino 2021, 2024).

Importa (re)interpretar os indicadores de nativização do PM. Esperamos ter deixado algumas pistas, pelo menos, para esta urgente e complexa tarefa. Em primeiro lugar, defendemos a perspetiva de um *modelo dinâmico* de nativização do PM, adaptando o modelo dinâmico elaborado por Schneider (2007) para a descrição da formação e evolução das variedades nacionais do inglês. Os diversos indicadores de nativização do PM aqui registados devem ser interpretados como pontos (uns mais, outros menos) estabelecidos de um contínuo dinâmico. A sua relativa sistematicidade e produtividade, bem como a sua relativa sedimentação e convencionalização – que aguardam confirmação mais fundamentada com base em estudos empíricos (de *corpus* e

experimentais) sistemáticos – indiciam um estágio avançado de nativização. Ao mesmo tempo, encontram-se já algumas manifestações do estágio subsequente do modelo dinâmico, de *estabilidade endonormativa* do PM ao nível da codificação linguística (embora ainda incipiente e mais lexical do que gramatical), expressas nos projetos em curso do *Dicionário do Português de Moçambique*, do *Corpus do Português de Moçambique* e do *Observatório de Neologismos de Moçambique*, bem como, até certo ponto, em recursos léxico-gramaticais, mais descritivos do que normativos, como o *Dicionário de Regência de Verbos do Português de Moçambique* e o *Dicionário de Verbos do Português de Moçambique* e em materiais didáticos para o ensino do português, mas ainda quase exclusivamente exógenos, na direção do PE. Além disso, as referidas projeções demográficas e demolinguísticas de fortíssimo aumento, ao longo do presente século, da população moçambicana e de falantes do PM como L1 são a esperança, juntamente com a desejada melhoria das condições educacionais e socioeconómicas e o desejado investimento em políticas e recursos endonormativos, de que o PM possa alcançar nas próximas décadas a sua *estabilidade endonormativa*, o seu estatuto *cêntrico* e mesmo o estágio final da sua maturidade, isto é, a sua *diferenciação*. No entanto – e como é também próprio de um modelo dinâmico, que pode não atingir os seus estádios finais –, outras circunstâncias diferentes e adversas, a ausência de políticas linguísticas adequadas, dificuldades de ordem prática e outras razões (por exemplo, de conveniência económica e cultural e de falta de prestígio, acompanhada de preconceitos linguísticos, da variedade moçambicana em comparação com o padrão do PE ou até do PB) poderão dificultar ou mesmo inviabilizar estes dois últimos estádios de evolução do PM, o mesmo é dizer, a autonomização, o estabelecimento da norma e a centricidade do PM.

Em segundo lugar, a inevitável influência das línguas bantu no PM deve ser entendida como um processo *dinâmico* de contacto de línguas, de diferentes graus de inter/transferência, de inter/transferências diretas e indiretas, contínuas e esporádicas, estabilizadas e precárias, generalizadas e restritas a certos dialetos e, especialmente, de acomodação às estruturas do português e, assim, de reestruturação da gramática do português. Um bom exemplo de adaptação e reestruturação do sistema gramatical do português é a construção passiva dativa (Mevis & Soares da Silva 2023), já estabilizada e normatizada. Exemplos de inter/transferência direta, generalizada e estabilizada são a transitivação de certos verbos, as novas estruturas fonológicas e novas formas de polidez, ao passo que as inconsistências na concordância em número e género são exemplo de inter/transferência direta mas restrita a falantes com pouca proficiência em português. Por

outro lado, importa referir também o contínuo linguístico afro-brasileiro (Petter 2009, Álvarez López et al. 2018), resultante de um substrato bantu comum e de mudanças induzidas pelo contacto de línguas e expresso num conjunto de traços linguísticos comuns às variedades africanas e ao PB e divergentes do PE, o que poderá despoletar novas convergências entre PM e PB. Para tal, poderá também contribuir o inegável aumento do prestígio do PB e da sua influência cultural e linguística nos demais países lusófonos (Soares da Silva 2022).

Finalmente, a descrição dos processos e dos indicadores de nativização do PM beneficiará de uma perspetiva *sociocognitiva*, no enquadramento da sociolinguística cognitiva, e de uma metodologia *letométrica* baseada em perfis, como as que temos utilizado no âmbito do projeto CONDIV, maioritariamente ainda na análise dos indicadores lexicais, gramaticais e atitudinais de divergência diacrónica entre PB e PE e que esperamos estender às variedades africanas do português. Como princípios sociocognitivos fundamentais, importa considerar o PM emergente como entidade dinâmica e *prototípica* (com componentes e usos mais representativos e outros menos, que podem ou não, aqueles e estes, ganhar maior saliência), que exprime e simboliza categorizações sociais e estas, por seu turno, representam entidades cognitivamente criadas e não “fronteiras naturais”. Descritivamente, consideramos importantes três tipos de estudos sobre o PM orientados na perspetiva sociocognitiva: (1) com base em *corpora* representativos e/ou através de métodos experimentais avançados, analisar todos os fatores de variação *semântica* lexical e gramatical, especialmente fatores conceptuais, pragmático-discursivos e de processamento cognitivo e a sua correlação com fatores estruturais e sociolinguísticos, de que as alternâncias construcionais (geralmente analisadas em termos apenas formais), como a alternância entre passiva de recipiente e passiva de tema, são bons exemplos; (2) analisar a variação onomasiológica e aplicar métodos letométricos baseados em perfis onomasiológicos, em combinação com métodos distribucionais de identificação semiautomática de significados em *corpora*, como o Vector Space Model, para medir divergência/convergência entre PM, PE e PB, estratificação interna do PM e outras distâncias; e (3) investigar as atitudes dos moçambicanos relativamente ao PM e ao PE – à semelhança do que Schneider (2014) fez para as variedades nacionais do inglês através de um extenso questionário e numa perspetiva sociocognitiva –, especialmente os modelos cognitivos e culturais dos moçambicanos de perceção, aceitação e avaliação da variedade nativizada (PM) e da variedade ainda padrão (PE).

## Referências

- ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura, Perpétua GONÇALVES & Juanito AVELAR (eds.) (2018). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins.
- BAXTER, Alan N. (2018). «Epilogue». Em *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*, ed. por Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Avelar, pp. 293-313. Amsterdam: John Benjamins.
- CARVALHO, Maria José Albarran (1985). «Passivas estranhas ao português europeu». *Angolê* 3:2-3.
- CARVALHO, Maria José Albarran (1987). «Um tipo de passivas no português oral de Moçambique?» Em *Actas do III Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 105–113. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- CHIMBUTANE, Feliciano (2018). «Portuguese and African languages in Mozambique: A sociolinguistic approach». Em *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*, ed. por Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Avelar, pp. 89-110. Amsterdam: John Benjamins.
- CHIMBUTANE, Feliciano & Perpétua GONÇALVES (2023). «Family language policy and language shift in postcolonial Mozambique: a critical, multi-layered approach». *Language Policy* 22:267–287.
- CHIMBUTANE, Feliciano, David LANGA, Carlos LAUCHANDE & Lísa LOPES (2023). Padrão linguístico em Moçambique: Análise dos Dados do IV Recenseamento Geral da População e Habitação de 2017. Maputo: INE.
- CLYNE, Michael (ed.) (1992). *Pluricentric languages. Different norms in different countries*. Berlin: De Gruyter Mouton.
- DAVIES, Mark (2016). Corpus do Português: Web/Dialects. One billion words; 4 countries. <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>
- Ethnologue* – Mozambique. Acessível em <https://www.ethnologue.com/country/MZ/>
- FIRMINO, Gregório (2021). «Ascensão de uma norma endógena do português em Moçambique: desafios e perspectivas». *Gragoatá* 26(54):163–192.
- FIRMINO, Gregório (2024). «Mozambique». Em *Manual of Romance Languages in Africa*, ed. por Ursula Reutner, pp. 809-824. Berlin: De Gruyter Mouton.
- GEERAERTS, Dirk, Gitte KRISTIANSEN & Yves PEIRSMAN (eds.) (2010). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin: De Gruyter Mouton.

GEERAERTS, Dirk, Dirk SPEELMAN, Kris HEYLEN, Mariana FONTES, Stefano DE PASCALE, Karlien FRANCO & Michael LANG (2023). *Lexical variation and change. A distributional semantic approach*. Oxford: Oxford University Press.

GERARDS, David Paul & Benjamin MEISNITZER (2024). «Angola». Em *Manual of Romance Languages in Africa*, ed. por Ursula Reutner, pp. 579-608. Berlin: De Gruyter Mouton.

GONÇALVES, Perpétua (1996). *Português de Moçambique. Uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da UEM.

GONÇALVES, Perpétua (2010). *Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

GONÇALVES, Perpétua (2013). O Português em África. Em *Gramática do Português*. Vol. I., coord. por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura & Amália Mendes, pp. 157-178. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

GONÇALVES, Perpétua & Vítor JUSTINO (1986-2020). *O Dicionário de Regências de Verbos do Português de Moçambique (DRVPM)*. Acessível em <https://www.catedraportugues.uem.mz/drvpm>

GONÇALVES, Rita, Inês DUARTE & Tjerk HAGEMEIJER (2022). «Dative microvariation in African varieties of Portuguese». *Journal of Portuguese Linguistics* 21(6):1–39.

GONÇALVES, Rita, Inês DUARTE & Tjerk HAGEMEIJER (2024). «Objetos diretos em variedades africanas do Português: um estudo de caso de microvariação». Em *Para o estudo comparativo de variedades do Português: Questões teórico-metodológicas e análises de dados*, ed. por Sílvia Brandão & Sílvia Vieira, pp. 53–84. Berlin: De Gruyter Mouton.

HAGEMEIJER, Tjerk (2016). «O português em contacto em África». Em *Manual de Linguística Portuguesa*, ed. por Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho, pp. 43–67. Berlin: De Gruyter Mouton.

HAGEMEIJER, Tjerk (2024). «São Tomé and Príncipe». Em *Manual of Romance Languages in Africa*, ed. por Ursula Reutner, pp. 609-623. Berlin: De Gruyter Mouton.

INE (Instituto Nacional de Estatística) (2017). *IV Recenseamento Geral da População e da Habitação 2017*. Maputo: INE.

INVERNO, Liliana (2011). *The restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola – Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Universidade de Coimbra, Dissertação de Doutoramento.

INVERNO, Liliana (2018). «Angolan Portuguese: Its historical development and current sociolinguistic setting». Em *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*,

ed. por Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Avelar, pp. 111–33. Amsterdam: John Benjamins.

JUSTINO, Víctor (2012) «Podemos dizer “O Raul foi nascido em Pemba”?». Acessível em [https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/Perguntugues\\_Nascer\\_Final.pdf](https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/Perguntugues_Nascer_Final.pdf)

KRISTIANSEN, Gitte & René DIRVEN (eds.) (2008). *Cognitive Sociolinguistics: Language variation, cultural models, social systems*. Berlin: De Gruyter Mouton.

KRISTIANSEN, Gitte, Karlien FRANCO, Stefano DE PASCALE, Laura ROSSEEL & Weiwei ZHANG (eds) (2021). *Cognitive Sociolinguistics revisited*. Berlin: De Gruyter Mouton.

LANGA, David & Luís CHAÚQUE (2024). «Nativização do Português de Moçambique: evidência da formação da subvariedade do português com base nos substratos das línguas do grupo tsonga». Em *Morfossintaxe de línguas indígenas, de línguas bantu e do português dialetal*, ed. por Fábio Duarte, David Langa, Tânia Valias & Clauâne Carolino, pp. 255–295. São Paulo: Pontes Editores.

MACHUNGO, Inês (coord.) *Observatório de Neologismos de Moçambique*. Acessível online em <https://www.catedraportugues.uem.mz/observatorio>

MEVIS, Alice & Augusto SOARES DA SILVA (2023). «Exploring the productivity and systematicity of Recipient passives in Mozambican Portuguese». *Soletras* 45:190–222.

MEVIS, Alice (submetido). «Recipient passives in Mozambican Portuguese: a case of constructional alternation in the making».

MINGAS, Amélia (2000). *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda: Edições Chá de Caxinde.

NGUNGA, Armindo (2012). «Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique». *Revista Científica da UEM, Letras e Ciências Sociais* 1:7–20.

NHATUVE, Diocleciano (2022). «Tendências genolexicais em adjetivos neológicos no português de Moçambique». *Cadernos de Estudos Linguísticos* 64:1–18.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de (2016). «The system of national standards and the demolingistic evolution of Portuguese». Em *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide. Part II: The Pluricentricity of Portuguese and Spanish. New Concepts and Descriptions*, ed. por Rudolf Muhr, 35–48. Frankfurt am Main: Peter Lang.

PALACIOS, Azucena (2011). «Nuevas perspectivas en el estudio del cambio inducido por contacto: hacia un modelo dinámico del contacto de lenguas». *Lenguas Modernas* 38:17–36.

PALACIOS, Azucena (2017). «Sobre los cambios lingüísticos en situaciones de contacto». Em *Variación y cambio lingüístico en situaciones de contacto*, ed. por Azucena Palacios, pp. 7–20. Frankfurt am Main: Vervuert Verlagsgesellschaft.

PETTER, Margarida M. (2009). «O continuum afro-brasileiro do português». Em *África-Brasil. Caminhos da Língua Portuguesa*, ed. por Charlotte Galves, Helder Garmes & Fernando Rosa Ribeiro, pp. 158–173. Campinas: Editora da Unicamp.

SENGO, Alice (2010). *Processos de enriquecimento do léxico do português de Moçambique*. Universidade Eduardo Mondlane, Dissertação de Mestrado.

SCHNEIDER, Edgar (2007). *Postcolonial English. Varieties around the world*. Cambridge: Cambridge University Press.

SCHNEIDER, Edgar (2014). «Global diffusion, regional attraction, local roots? Sociocognitive perspectives on the pluricentricity of English». Em *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*, ed. por Augusto Soares da Silva, pp. 191–226. Berlin: De Gruyter Mouton.

SITOE, Bento & Armindo NGUNGA (eds.) (2000). *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas realizado na Matola (Maputo), de 8 a 12 de março de 1999*. Maputo: Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas.

SOARES DA SILVA, Augusto (2010). «Measuring and parameterizing lexical convergence and divergence between European and Brazilian Portuguese». Em *Advances in Cognitive Sociolinguistics*, ed. por Dirk Geeraerts, Gitte Kristiansen & Yves Peirsman, pp. 41–83 Berlin: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (2014). «The pluricentricity of Portuguese: A sociolectometrical approach to divergence between European and Brazilian Portuguese». Em *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*, ed. por Augusto Soares da Silva, pp. 143–188. Berlin: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (ed.) (2014). *Pluricentricity: Language variation and sociocognitive dimensions*. Berlin: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (2016). «The cognitive approach to pluricentric languages and the pluricentricity of Portuguese: What's really new?» Em *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide. Part II: The Pluricentricity of Portuguese and Spanish. New Concepts and Descriptions*, ed. por Rudolf Muhr, pp. 13–34. Frankfurt am Main: Peter Lang.

SOARES DA SILVA, Augusto (2018). «O português no mundo e a sua estandardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional». Em *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, ed. por Henrique Barroso, pp. 111–132. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

SOARES DA SILVA, Augusto (2020). «Portuguese: Normative grammars». Em *Manual of standardization in the Romance languages*, ed. por Franz Lebsanft & Felix Tracke, pp. 679–700. Berlin: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (2021). «Revisiting the Cognitive Sociolinguistic approach to pluricentricity». Em *Cognitive Sociolinguistics revisited*, ed. por Gitte Kristiansen, Karlien Franco, Stefano De Pascale, Laura Rosseel & Weiwei Zhang, pp. 477–489. Berlin: De Gruyter Mouton.

SOARES DA SILVA, Augusto (2022). «Portuguese, pluricentricity and Brazilian Portuguese: A case of a reverted asymmetry?». Em *Pluricentric languages in the Americas*, ed. por Rudolf Muhr, pp. 135–156. Graz/Berlin: PCL-Press.

SOARES DA SILVA, Augusto (2024). «Constructional changes in Brazilian Portuguese in the 20th century. Two cases of linguistic deletion». Em *Language change in the 20th century. Exploring micro-diachronic evolutions in Romance languages*, ed. por Salvador Pons Bordería & Shima Salameh Jiménez, pp. 261–289. Amsterdam: John Benjamins.

TIMBANE, Alexandre (2017). «A Variação Linguística do Português Moçambicano: uma Análise Sociolinguística da Variedade em Uso». *Revista Internacional Em Língua Portuguesa* 32:19-38.

TRAUGOTT, Elizabeth & Graeme TROUSDALE (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.